

Fall 10-1-2021

## Uma visão dos direitos humanos como missão espiritana de hoje

Andrzej Owca

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

---

### Recommended Citation

Owca, A. (2021). Uma visão dos direitos humanos como missão espiritana de hoje. *Horizontes Espiritanos*, 17 (17). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol17/iss17/13>

This Soundings is brought to you for free and open access by the Spiritan Horizons (English, French, and Portuguese) at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Andrzej Owca, C.S.Sp.

O Pe. Andrzej Owca, C.S.Sp., nasceu numa família de quatro filhos (duas irmãs, dois irmãos) em Krosno, uma cidade no sudeste da Polónia, onde estudou. A sua aventura com os espiritanos começou em 1980, quando entrou no noviciado em Bydgoszcz (Polónia), onde depois continuou os seus estudos de filosofia e teologia. Ordenado a 2 de Fevereiro de 1987, Andrzej trabalhou no Senegal, Croácia, Irlanda, Alemanha, e desde 2016 é o representante da VIVAT International em Genebra (Suíça).



## UMA VISÃO DOS DIREITOS HUMANOS COMO MISSÃO ESPIRITANA DE HOJE

### INTRODUÇÃO

Desde Janeiro de 2016 estou a trabalhar em Genebra, Suíça, numa organização não governamental baseada na fé (ONG) - VIVAT Internacional<sup>1</sup> - à qual pertencem 12 congregações religiosas (masculinas e femininas). Os espiritanos tornaram-se membros de pleno direito em 2009. A VIVAT Internacional tem estatuto consultivo especial junto do Conselho Económico e Social (ECOSOC) das Nações Unidas e está associada ao Departamento de Informação Pública (DPI) nas Nações Unidas. Estes membros podem assim trabalhar com a organização para chamar a atenção da ONU para situações de injustiça nos seus locais de missão. Podem falar em nome dos sem voz na arena internacional dos direitos humanos, envolvendo-se com o Conselho dos Direitos Humanos e outros mecanismos de direitos humanos. Desta forma, os espiritanos podem encarnar o que o Padre Libermann apelou, e como a nossa Regra de Vida (RVE) afirma: «defensores, apoiantes e defensores dos fracos e pequenos contra aqueles que os oprimem<sup>2</sup>. » Por outras palavras, devemos ajudar as pessoas na base a viver com dignidade e respeito e contribuir para fazer ouvir a sua voz no fórum das opiniões mundiais, para que todos os seus direitos fundamentais sejam reconhecidos e implementados.

Gostaria de examinar uma abordagem aos direitos humanos na missão espiritana hoje a partir da minha experiência aqui em Genebra e como espiritano da Europa Central. Faço-o no contexto do próximo Capítulo Geral Espiritano a ser realizado na minha província natal da Polónia. Não é minha intenção enumerar possíveis respostas aos problemas e desafios dos direitos humanos no mundo, nem anali-

1. [www.vivatinternational.org](http://www.vivatinternational.org)

2. *Règle de 1849* [Regra de 1849] ; N.D. X, p. 517, tel que cité dans [como citado em RVE] RVS n° 14.

*Existe uma biblioteca sempre crescente de documentos internacionais que definem, protegem e interpretam os direitos humanos.*

sar ou julgar a actual situação global. Embora o leque de posições em diferentes partes do mundo seja importante (o político, o social, o cultural, o religioso, etc.), sugiro que analisemos as questões de direitos humanos numa perspectiva histórica e não no contexto dos conflitos políticos actuais.

## A DOCUMENTAÇÃO RELATIVA AOS DIREITOS HUMANOS

Para começar, permitam-me reconhecer que o campo dos direitos humanos é muito complexo. Existe uma biblioteca sempre crescente de documentos internacionais que definem, protegem e interpretam os direitos humanos desde a criação da Comissão de Direitos Humanos da ONU após a Segunda Guerra Mundial em 1946, e a sua substituição pelo Conselho de Direitos Humanos em 2006. Com esta pergunta: o que devemos escolher para incluir na nossa biblioteca de documentos essenciais para nos ajudar a encontrar o nosso caminho através do mundo dos direitos humanos, de modo a não perder os seus elementos essenciais?

Não há dúvida de que a Declaração Universal dos Direitos do Homem, adoptada a 10 de Dezembro de 1948, constitui “... um verdadeiro marco no caminho para o progresso moral da humanidade”.<sup>3</sup> Esta declaração garante os direitos fundamentais de cada pessoa deste planeta. Em 1950, o Conselho da Europa, com 47 estados membros, redigiu a *Convenção Europeia dos Direitos do Homem*, que entrou em vigor a 3 de Setembro de 1953. Depois, a Organização dos Estados Americanos adoptou a *Convenção Americana sobre os Direitos Humanos* em 22 de Novembro de 1969,<sup>4</sup> “... para consolidar neste hemisfério, no quadro das instituições democráticas, um sistema de liberdade pessoal e de justiça social baseado no respeito pelos direitos humanos básicos”.<sup>5</sup>

Os Estados africanos criaram a sua própria *Carta (Banjul) sobre os Direitos Humanos e dos Povos* (1981),<sup>6</sup> e os Estados islâmicos criaram a *Declaração do Cairo sobre os Direitos Humanos no Islão* (CDHRI)<sup>7</sup>. A Comissão Asiática dos Direitos

3. *Discurso do Papa João Paulo II às Nações Unidas* em 1979. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1979/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791002\\_general-assembly-ONU.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1979/october/documents/hf_jp-ii_spe_19791002_general-assembly-ONU.html)

4. Entrada em vigor a 18 de Julho de 1978.

5. Preâmbulo à declaração. <https://www.cidh.oas.org/basicos/english/basic3.american%20convention.htm>

6. Entrada em vigor a 20 de Outubro de 1986.

7. *Declaração dos Estados Membros da Organização de Cooperação Islâmica* (OIC), adoptada no Cairo a 5 de Agosto de 1990.

Humanos, fundada em 1986 por um grupo de advogados e activistas dos direitos humanos com sede em Hong Kong, lançou a Carta Asiática dos Direitos Humanos. Esta carta é descrita como uma «carta do povo», uma vez que nenhuma carta governamental foi publicada. Não esqueçamos também a Declaração de Pequim adoptada pelo primeiro Fórum Sul-Sul sobre Direitos Humanos a 8 de Dezembro de 2017.

Como podemos ver, cada região do mundo - em momentos diferentes - sentiu uma necessidade imperiosa de ter a sua própria convenção dos direitos humanos, e cada região teve certamente as suas próprias motivações para a introduzir: devido à diversidade de culturas, preocupações climáticas, a sua própria compreensão, os seus próprios antecedentes, e assim por diante. Não quero abrir esta caixa de Pandora das convenções, mas poderíamos fazer uma pergunta corajosa: a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* é universal ou não? Se realmente é, então porque é que cada região do mundo desenvolveu a sua própria convenção? Poderíamos ir ainda mais longe e perguntar: “Será possível desenvolver um acordo mundial e uma compreensão global dos direitos humanos que sejam universais na sua aplicação?”

O Papa Francisco, na sua mensagem para o Dia dos Direitos Humanos de 2018 (10 Dez), escreveu:

*Os direitos fundamentais de todos os seres humanos, especialmente os mais vulneráveis, devem ser respeitados e protegidos em todas as situações. ...Enquanto uma parte da humanidade vive na riqueza, outra vê a sua dignidade negada, ignorada ou espinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados.*

Tal contradição leva-o a perguntar: «[...] se a igual dignidade de todos os seres humanos - proclamada solenemente há setenta anos - é realmente reconhecida, respeitada, protegida e promovida em todas as circunstâncias». Como podemos supor a partir dos documentos acima mencionados, existem certamente alguns elementos que podem servir como ponto de partida para a discussão da questão.<sup>8</sup>

8. Cf. a *Declaração Africana sobre os Direitos Humanos* : art. 17 ; 18.1 ; 18.2 ; 27.1 ; 27.2 ; (<https://www.achpr.org/legalinstruments/detail?id=49> - como visto em 9 de Fevereiro de 2021) ; *Declaração do Cairo sobre os Direitos Humanos no Islão* : art. 2 ; 3 ; 5 ; (<https://www.fmreview.org/Human-Rights/cairo> - como visto em 9 de Fevereiro de 2021) ; *Convention américaine relative aux droits de l'homme* : art. 4 ; 17.1 ; 17.2 ; 32.1, 32.2 ; (<https://www.cidh.oas.org/basicos/english/basic3.american%20convention.htm> - acedido a 9 de Fevereiro de 2021) ; *Déclaration de Beijing* : art.1 ; 2 ; 4 ; ([http://www.xinhuanet.com/english/2017-12/08/c\\_136811775.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2017-12/08/c_136811775.htm) - acedido a 9 de Fevereiro de 2021) ; *Declaração Universal dos Direitos do Homem* : art. 1 ; 16.3 ; 25.2 ; 29.1 ; ([https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr\\_translations/eng.pdf](https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/eng.pdf) - acedido em 9 de Fevereiro de

*Os direitos fundamentais de todos os seres humanos, especialmente os mais vulneráveis, devem ser respeitados.*

*Fazer a distinção entre caridade (serviço directo) e justiça (mudança sistémica).*

## **DISTINÇÃO ENTRE CARIDADE E JUSTIÇA**

Um dos maiores desafios na adopção de uma abordagem dos direitos humanos na missão espiritualana é o de encarar um problema como um problema de direitos humanos. O ponto de partida para enfrentar este desafio é fazer a distinção entre caridade (serviço directo) e justiça (mudança sistémica). Caridade, entendo-a como ajudando a satisfazer as necessidades imediatas das pessoas com soluções imediatas. Fornece serviços directos tais como alimentação, vestuário, abrigo, manutenção, etc. A caridade visa os efeitos da injustiça e aborda os problemas que já existem. Muito frequentemente identificamos a caridade com actos individuais de bondade.

*No campo dos direitos humanos é muito difícil quantificar a eficácia e demonstrar resultados positivos.*

Entendo a justiça como a resposta às necessidades a longo prazo e a procura de soluções a longo prazo para os problemas das pessoas. Promover a mudança social nas instituições e estruturas políticas. A justiça analisa as causas profundas dos problemas sociais, políticos, económicos e religiosos que causam injustiça às pessoas. Uma famosa citação de Dom Helder Camara ilustra a tensão entre a caridade e a justiça. Ele disse: “Quando alimento os pobres, eles chamam-me de santo, mas quando pergunto porque são pobres, eles chamam-me de comunista”.<sup>9</sup> Por conseguinte, pode dizer-se que a caridade e a justiça são duas pernas da mesma operação. Portanto, para uma abordagem baseada nos direitos humanos à missão espiritualana, não se deve perguntar “a qual escolher”? Embora ambas sejam importantes, não pertencem ao mesmo nível e não são aplicadas da mesma forma. Caridade e justiça também não são necessariamente da responsabilidade da mesma pessoa ou organização. Contudo, num projecto de defesa dos direitos humanos, é essencial distinguir entre as duas e ver como se podem relacionar num contexto particular. Neste artigo, focalizo-me na importância da busca pela justiça como central para a missão espiritualana no nosso tempo.

## **PODEMOS FALAR DE ÊXITOS...?**

Quando falo com outras pessoas e tento explicar o que faço, elas normalmente perguntam-me quais são os resultados do meu trabalho, que sucessos tenho de partilhar. Não é fácil dar uma resposta adequada, honesta e justa, porque no campo dos direitos humanos é muito difícil quantificar a eficácia e demonstrar resultados positivos. Devo, portanto, explicar alguns dos componentes deste tipo de projecto

---

2021).

9. Dom Helder Camara foi o arcebispo de Olinda e Recife no Brasil de 1964 a 1985, na época do regime militar.

para promover os direitos humanos.

Mais uma vez, a abordagem dos direitos humanos é mais sobre justiça do que sobre caridade, mas ambas estão presentes. A abordagem dos direitos humanos centra-se principalmente na mudança estrutural, mais do que na situação imediata. Esta é uma tarefa mais exigente do que simplesmente responder às necessidades imediatas numa situação particular e leva tempo. A defesa dos direitos humanos requer grande paciência, com metodologia adequada e recursos decentes, tanto humanos como financeiros. Em suma, não há uma solução rápida.

No entanto, em alguns lugares, onde os espiritanos trabalham há muitos anos, a situação dos direitos humanos das pessoas entre as quais vivemos e servimos não somente não está a melhorar, como, pelo contrário, pode parecer que há alguma deterioração dos seus direitos. Em tal situação, podemos perguntar-nos, com razão: «Será que o trabalho que fazemos faz sentido?»

Por vezes pergunto aos nossos parceiros no terreno sobre isto. Surpreendentemente, sempre me disseram que é muito importante que continuemos a trabalhar ao seu lado para aumentar a consciência de que não são abandonados, que são apoiados, e que as suas vidas e as suas lutas para melhorar as suas vidas são importantes para nós. Esta dimensão é frequentemente negligenciada, mas é muito importante e mesmo crucial quando falamos de dignidade humana, sustentabilidade dos projectos e eficiência.

## SER UM ESPIRITANO PARA A MISSÃO

A primeira e mais importante orientação numa abordagem dos direitos humanos à missão espiritana é ver a beleza do Evangelho como um «modo de vida» oferecido a cada pessoa. Esta é a motivação fundamental para a nossa vida e trabalho espiritual, que é tão boa, tão bela, tão grande e tão verdadeira que se torna natural dedicar-lhe toda a nossa vida.

A nossa vocação, de facto, impele-nos a viver de acordo com a sabedoria do Evangelho e a mostrar aos outros o caminho dessa sabedoria para que também eles a possam descobrir e seguir como um caminho de vida para si próprios em comunhão com os outros.

Estou convencido de que os nossos fundadores espiritanos sentiram e compreenderam assim o Evangelho como o seu «modo de vida», e que desenvolveram um «programa» no seu tempo para sustentar esta motivação. Assim, também nós estamos igualmente motivados pela nossa tradição espiritana, tal como expressa na nossa *Regra de Vida*:

*Os carismas dos nossos Fundadores, Claude Poullart des Places e François Libermann, e a fidelidade à nossa tradição, encorajam-nos a responder de forma*

O caminho  
da justiça e do  
amor é o caminho  
de Deus para a  
humanidade.

*criativa às necessidades evangelizadoras do nosso tempo.*<sup>10</sup>

No centro desta motivação está a convicção de que o caminho da justiça e do amor é o caminho de Deus para a humanidade. “Agir com justiça, amar ternamente e caminhar humildemente no caminho de Deus” (Miqueias 6:8) encontra a sua expressão mais completa no mistério da encarnação. Em Jesus, o homem de Nazaré, que é Cristo: “ele atravessou o mundo fazendo o bem<sup>11</sup>...” Ele fala a palavra de Deus de justiça e amor. Os cristãos acreditam que ele é o Filho de Deus, Deus encarnado. Para sabermos o que isto significa, precisamos de sermos claros sobre o que Deus espera de nós, como se diz na tradição judaico-cristã, por exemplo, no Decálogo do Antigo Testamento e, especialmente, no mandamento de amor do Novo Testamento. O que significam estes mandamentos para nós, o que significam para mim?

Para mim, é claro que uma vez que Deus se torna homem, deve certamente comportar-se de acordo com o que Ele nos ordena que façamos. Os cristãos acreditam que Jesus de Nazaré é a plena realização e demonstração do mandamento do amor, plenamente confirmado pela sua morte e ressurreição. Claude Poullart des Places e Francis Libermann tiveram ambos uma experiência íntima do amor de Deus por eles, realizada em Jesus. Seguiram radicalmente o seu caminho de amor, tal como expresso no seu compromisso com os mais negligenciados e necessitados do mundo do seu tempo. Eles viveram e agiram como Jesus viveu e agiu. Como Libermann escreve na sua instrução aos missionários:

*Um missionário enviado por Jesus Cristo, que não santifica os seus sofrimentos, não santifica as almas na verdade. A santidade de Jesus Cristo deve residir no missionário, e esta santidade deve ao mesmo tempo ser fundada no seu interior e produzida na sua conduta pelo seu trabalho e sofrimento. Deste modo, seguindo o exemplo de Jesus Cristo, dá à luz almas a Deus em verdade, porque lhes comunica a vida do Salvador que está nele.*<sup>12</sup>

Esta é a linha central e crucial de interrogatório para todos os espiritanos. Em que medida estamos convencidos do mandamento de amor de Deus? Como é que adoptámos e colocámos esta convicção no centro do nosso «modo de vida»? Qual é a nossa fidelidade radical (íntima/pessoal e social) ao Evangelho como sendo o nosso

10. *Regra de Vida Espiritana* (RVE) n° 2.

11. *Actos*, 10:38.

12. Libermann François : *Instructions aux missionnaires* [Instruções aos missionários], 1851. Citado em De Mare, Christian (2011), *Une Anthologie Spiritaine* [Uma Antologia Espiritana]. Rome : Congrégation du Saint-Esprit, p. 303-304.

‘modo de vida’? Como é que o manifestamos em tudo o que fazemos e na forma como o fazemos? Passar do conhecimento, consciência e convicção do mandamento do amor, para formas concretas de acção de acordo com uma opção preferencial pelos pobres (aqueles em quem ninguém pensa) é determinado pelo contexto particular da época, da sociedade, da cultura e das circunstâncias. E é

fundamental aqui observar a tensão inevitável entre a motivação evangélica,

*Como é que a motivação evangélica pessoal para a vida e comportamento de cada espiritano se reflecte no seu trabalho social, pastoral, sócio-cultural e de liderança?*

ca, por um lado, e, por outro, as acções particulares tomadas em resposta a esta motivação nas circunstâncias concretas da nossa missão.

Em qualquer vocação, a motivação é reconhecida como o factor decisivo para a qualidade do trabalho duma pessoa. Isto é ainda mais verdade para a vocação religiosa do missionário Espiritano. Ninguém fará bem o seu trabalho se, por qualquer razão, ele não o quiser fazer bem. Este é um raciocínio antropológico básico. A motivação evangélica é o factor crucial que distingue o trabalho realizado pelos religiosos daqueles que não o são. Num ministério, como os direitos humanos e/ou actividades de JPIC, com a sua variedade de abordagens e objectivos (laicos e/ou religiosos), o religioso (o Espiritano) contribui com o seu próprio julgamento e motivação. Se a sua aptidão pessoal for necessária, a sua motivação deve ir para além deste nível simples. A nossa *Regra de Vida* exprime bem esta ideia. A “vida apostólica” está no cerne da nossa vocação como espiritanos. É “... aquela vida de amor e santidade que o Filho de Deus levou na terra para salvar e santificar almas, e pela qual se sacrificou continuamente à glória de seu Pai para a salvação do mundo”.<sup>13</sup>

Há frequentemente a impressão de que o envolvimento social é a principal e exclusiva agenda de Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC) e/ou o trabalho de direitos humanos para muitas instituições religiosas, incluindo os espiritanos. A principal motivação evangélica ou é negligenciada ou, na melhor das hipóteses, é apenas badalada. Por exemplo, o tema é reservado aos documentos oficiais, ou é apenas mencionado no retiro espiritual anual. Sem uma aplicação prática duma abordagem dos direitos humanos à missão, a JPIC e os direitos humanos não conseguem animar a missão espiritana e são reduzidos a uma vaga ideologia institucional.

Não é minha intenção criticar ou menos ainda condenar, mas a questão principal permanece: como é que a motivação evangélica pessoal para a vida e compor-

13. RVE 3 (*Regra de 1848* ; N.D. X, p. 505).

*A motivação é reconhecida como o factor decisivo para a qualidade do trabalho duma pessoa.*



tamento de cada espiritano se reflecte no seu trabalho social, pastoral, sócio-cultural e de liderança? Isto significa, por outras palavras, que todos os programas, acções, projectos e actividades espiritanas devem manifestar o amor de Deus a todos aqueles cujas vidas partilhamos. Como podemos testemunhar a verdade cristã de que cada ser humano a quem vamos em missão é tão amado por Deus que Deus quer revelar esse amor através duma terceira pessoa, precisamente através do compromisso do missionário Espiritano de trabalhar e de se engajar onde ele ou ela está?

O missionário espiritano é obrigado a ser criativo no seu trabalho e na sua vida. Deve ser afectivo e evolutivo, activo e dinâmico, participando activamente na missão como uma «via de dois sentidos» entre ele próprio e as pessoas que ele serve. O missionário espiritano não só dá, mas também recebe. John Kilcrann refere-se a esta dimensão como «afecto mútuo». Descreve-o da seguinte forma: Uma forte ligação e relação desenvolvem-se entre nós e as pessoas que servimos<sup>14</sup>. É através dessas relações que nos tornamos conscientes do impacto do Espírito Santo no nosso trabalho e vida como Espiritanos.

O facto da nossa congregação ser chamada a Congregação do Espírito Santo significa que o Espírito Santo tem um lugar importante na nossa missão e em toda a vida espiritana. Portanto, a questão que tem de ser colocada é: «Como age o Espírito Santo? Certamente, ele manifesta-se na verdadeira comunicação e na ligação e remoção de tudo o que é diabólico ; o diabo (*diabolos*) é, «mentiroso e pai de todas as mentiras» (João 8,44) move, desmonta, dispersa e, portanto, destrói. O Espírito Santo é criador, fonte de inspiração e força para o que cada nova situação exige de nós a fim de cumprirmos a nossa missão de reunir as pessoas e construir um mundo melhor para todos.

«A evangelização dos pobres é o nosso objectivo. Vamos, portanto, especialmente aos povos, grupos e indivíduos que ainda não ouviram a mensagem evangélica ou que mal a ouviram, àqueles cujas necessidades são maiores e aos oprimidos<sup>15</sup>. Esta citação da *Regra de Vida Espiritana* oferece uma garantia da motivação evangélica do trabalho da JPIC e dos direitos humanos.

Nós, os espiritanos, somos enviados aos mais negligenciados, aos mais pobres e aos mais oprimidos. Ao fazê-lo, empreendemos um trabalho inspirado pelo Espírito Santo, mostrando àqueles a quem somos enviados que pensamos neles, os valorizamos e reconhecemos a sua dignidade divina. Não fazemos apenas algo por eles, vivemos com eles e unimo-nos com eles na solidariedade humana. É através desta escolha de vida espiritana que o apoio do Espírito Santo vem para aqueles que vivem

---

14. John Kilcrann, C.S.Sp. “Constructing a Spiritan Spirituality of Justice, Peace, and the Integrity of Creation [Construir uma Espiritualidade de Justiça, Paz e Integridade da Criação]”, *Spirititan Horizons* 2 (2008), 71-78, aqui p.75. A análise de John sobre os documentos oficiais da Congregação em relação à espiritualidade JPIC é fascinante.

15. RVE nº 4.

« nas margens ». Isto só é possível através da presença dum terceiro e é isto que o missionário Espiritano faz, seguindo o exemplo de Jesus. O Espírito Santo mostrou-se nas suas obras, na sua vida, e finalmente na ressurreição. Esta é a lei da encarnação: Deus manifesta-se através duma terceira parte. Para os seres humanos, a solidariedade humana é um caminho para Deus. O objectivo da missão Espiritana é apoiar os mais necessitados nos seus esforços de sobrevivência, ajudando-os a sair da pobreza; para que possam levantar a cabeça e, descobrindo a sua própria dignidade, dar-se os meios para a realizar e para a viver.

O Espírito Santo, através dos Espiritanos, mostra àqueles com quem eles vivem e trabalham que não são apenas importantes para Deus, mas também para o missionário. Estas pessoas vêm para se verem a si próprias ou para se encararem como pessoas que têm direitos e que podem usar meios legais para combater as injustiças que enfrentam.

A presença pessoal do missionário e a sua defesa do reconhecimento e acção em prol dos direitos humanos reforçam a observância e respeito pelos direitos humanos em geral e, em particular, as exigências daqueles a quem servem com vista a uma resolução adequada através dos mecanismos institucionais legais que garantem os seus direitos. Através da sensibilidade aos direitos humanos individuais e duma luta contínua para assegurar o seu reconhecimento e aceitação, desenvolve-se uma nova norma de comportamento e interacção a partir do direito humano básico de que todos são livres e iguais. Consequentemente, o trabalho social e o compromisso com os direitos humanos tornam-se gradualmente um meio de persuadir todos da sua própria importância e singularidade como pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus e dotadas de direitos inalienáveis pelo Criador e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A prática espiritana de mediação silenciosa e consistente não só honra o lugar do Espírito Santo em nome da congregação, mas também aprofunda o carisma espiritano de ligação e de vitalização, o que permite uma nova qualidade de comunicação e uma maior capacidade de ouvir os outros nas suas necessidades. Isto é de primordial importância num mundo cada vez mais individualizado onde os direitos humanos são cada vez mais confundidos com os direitos dos indivíduos.

No seu livro *Les Droits de l'homme dénaturé* (Os Direitos do Homem Desnaturado), Grégor Puppink explica as razões históricas para a mudança contemporânea dos direitos humanos universais para os direitos do indivíduo<sup>16</sup>. Esta mudança ignora o

O objectivo da missão Espiritana é apoiar os mais necessitados nos seus esforços de sobrevivência, ajudando-os a sair da pobreza.

16. Cf. Grégor Puppink : *Les Droits de l'homme dénaturé* [Direitos do Homem Desnaturado] ; Paris, Cerf 2018. Grégor Puppink, PhD, é o Director do Centro Europeu para o Direito e Justiça (ECLJ), que é uma organização não governamental internacional dedicada à pro-

O espiritano, como defensor dos direitos humanos, é chamado a ser um “mestre comunicador”, que liga as pessoas e cria possibilidades para que todos vivam juntos no respeito mútuo.

facto de que a pessoa individual só pode ser humana se for uma pessoa-com-outra. A palavra «indivíduo» significa «estar-em-si-dividido + estar-separado-de-outros» (isto é, para si próprio). Consequentemente, o indivíduo concentra-se principalmente em si próprio e observa os outros principalmente através do prisma da sua utilidade para si próprio.

Isto, sugere Puppinck, fomenta um mundo de indivíduos interagindo uns com os outros sem uma verdadeira comunicação humana. O espiritano, como defensor dos direitos humanos, é chamado a ser um “mestre comunicador”, que liga as pessoas e cria possibilidades para que todos vivam juntos no respeito mútuo.

Tal defesa requer os dons do Espírito Santo para moldar a forma como o espiritano comunica com aqueles que o rodeiam. Como proclama a *Sequência do Domingo de Pentecostes*:

*... Vem até nós, pai dos pobres, vem, doador de presentes, vem, luz dos nossos corações. Consolador Soberano, hóspede mais querido das nossas almas, calma e frescura. Em trabalho de parto, descanso; em febre, frieza; em choro, conforto. Ó luz abençoada, vem e enche o coração de todos os teus fiéis até ao âmago. Sem o vosso poder divino, não há nada em nenhum homem, nada que não seja pervertido. Lave o que está sujo, banhe o que está seco, cure o que está ferido. Amacie o que é rígido, aqueça o que é frio, faça direito o que é torto. ...*

A experiência ensina-nos de que a tristeza humana diminui quando é partilhada, enquanto a alegria aumenta quando é partilhada. Por conseguinte, parece-me que o carisma Espiritano se expressa através das capacidades de comunicação, conectividade e criação de comunhão ou unidade entre aqueles que estão privados de direitos.

Através da comunicação amorosa, aqueles que são individualizados na sua miséria e provam apenas a amargura da tristeza, chegam à alegria de vida que Deus quer para eles.

O Espírito Santo é a fonte desta comunicação, que inspira, fortalece e permite perseverar na busca dos direitos humanos. Assim empenhado, o espiritano vive toda a sua vida de acordo com a lógica do grão de trigo: «...a menos que o grão de trigo caia na terra e morra, permanece sozinho; mas se morre, dá muito fruto. (João 12:24).

## COMPROMISSO EM PROL DA VERDADE

Há muitos tipos de verdade e muitas maneiras de nos ser dada a verdade ou, poder-se-ia dizer, de nos ser revelada.

Há a verdade que as coisas são como são porque não podem ser de outra forma. Esta é a verdade da necessidade interna, como na matemática, ou a dum silogismo lógico.

Há também a verdade da experiência direta e a verdade que conhecemos por métodos científicos em relação à nossa experiência (conhecimento científico em várias ciências).

Depois há uma forma de verdade que parece estar à margem de tudo isto, nomeadamente uma verdade que se nos revela e se nos dá - uma verdade que uma pessoa só pode aceder através do testemunho doutra pessoa.

Testemunhar é, assim, uma abordagem, talvez particularmente privilegiada, à verdade<sup>17</sup>. Trata-se principalmente de verdade a nível pessoal (deixamos de lado as verdades matemáticas e lógicas). Quando uma pessoa faz um favor a outra pessoa, significa que «eu» estou a responder positivamente ao que “VOCÊ” precisa nesse momento e vice-versa. Desta forma de verdade, todos os métodos analíticos, todas as verificações e todos os cálculos estão condenados ao fracasso, tal como os métodos de avaliação do prazer estético humano.

A liberdade não forçada do “EU SOU” da outra pessoa requer o meu “EU SOU” igual e livre, o que significa a minha confiança, respeito e contribuição para o encontro partilhado. Se eu deixasse de fora esta forma de viver a verdade a nível pessoal, nunca poderia conhecer outra pessoa e não haveria uma relação autêntica “EU - TU”.

É através da atenção pessoal e do compromisso com o outro que a totalidade da verdade de quem eu sou - o « EU » completo e real - é descoberta e comprometida. Só com a minha disponibilidade incondicional e abertura a verdade se abrirá para mim e me ajudará a aprofundar a consciência da minha existência num tempo específico, sob condições específicas, com pessoas concretas, levando-me a viver a vida na sua plenitude (João 10:10).

O caminho da verdade é confirmado e experimentado através dum empenho pessoal e total de toda a vida «até ao fim». É aprender pelo sangue (o sangue como símbolo de vida). Em suma, é o caminho do encontro com Deus, como testemunham a Bíblia, a fé cristã e a tradição espiritana.

*Só com a minha disponibilidade incondicional e abertura a verdade se abrirá para mim e me ajudará a aprofundar a consciência da minha existência.*

17. Parece que era isto que o filósofo judeu Franz Rosenzweig tinha em mente no seu artigo : “*Das Neue Denken: Kleinere Schriften* [“O Pensamento Novo”: pequenos escritos], Berlin 1937, p.395-396.

## OS DESAFIOS

O meu trabalho com o Conselho dos Direitos Humanos e outros mecanismos dos direitos humanos em Genebra alertam-me para a importância da formação inicial e permanente de todos os espiritanos. O desenvolvimento humano holístico integrando a vocação espiritana com a identidade espiritual pessoal são os elementos necessários para a maturidade necessária à missão espiritana que incorpora a JPIC e a defesa dos direitos humanos. Ao trabalhar a nível internacional em matéria de direitos humanos, constato que sem essa experiência formativa, um espiritano sentir-se-á desconfortável e incapaz de lidar com a variedade das abordagens, ideologias e diferentes modos de defesa dos direitos humanos mencionados no início deste artigo.

A formação espiritana (inicial, especializada e permanente) é um momento oportuno para estudar a própria espiritualidade, para aprofundar o conhecimento da tradição espiritana e para avaliar as ferramentas necessárias para o crescimento pessoal. Pela minha experiência, posso dizer que ainda existe um fosso na congregação entre a formação académica, que se concentra na aquisição de conhecimentos, e a formação pessoal, que se concentra na maturidade pessoal. Os programas de formação espiritana devem esforçar-se por alcançar o equilíbrio certo entre o académico e o mais pessoal, a fim de assegurar uma vida mais eficaz e frutuosa para os missionários espiritanos de amanhã.

Olhando para o nosso compromisso com a JPIC e os direitos humanos, sei que os espiritanos individualmente e em grupo estão empenhados em defender e apoiar os mais humildes nas regiões do mundo onde vivem e trabalham. Há muitos projectos em curso. No entanto, não posso deixar de ter a impressão ou a sensação de que isto está a acontecer mais a nível individual e local do que a nível congregacional com esquemas e projectos organizados e preparados.

Uma maior solidariedade e apoio espiritual a nível de toda a congregação reforçaria grandemente o ministério dos direitos humanos/JPIC a nível individual e local. A optimização dos recursos humanos e financeiros para este ministério e uma melhor coordenação das estruturas existentes merecem realmente uma maior dose de atenção da nossa parte. ■

*Andrzej Owca, C.S.Sp.,  
Genebra..*

